

## O Turismo e o Hotel Moderno no Nordeste

*Tourism and modern hotel in Northeast region of Brazil*

*Turismo y el hotel Moderno en el nordeste de Brasil*

PAIVA, Ricardo; Doutor em Arquitetura e urbanismo FAUUSP; Universidade Federal do Ceará (UFC)

[paiva\\_ricardo@yahoo.com.br](mailto:paiva_ricardo@yahoo.com.br)

PAULA, Paula Vale de; Bolsista PIBIC UFC; Universidade Federal do Ceará (UFC)

[paulavaledepaula@yahoo.com.br](mailto:paulavaledepaula@yahoo.com.br)

MACIEL, Vitor; Bolsista PIBIC UFC; Universidade Federal do Ceará (UFC)

[vitorlessamaciel@gmail.com](mailto:vitorlessamaciel@gmail.com)

### Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a relação entre a atividade turística e a concepção e construção de edifícios hoteleiros no Nordeste do Brasil, esboçando uma sistematização, periodização, assim como a identificação e uma breve análise das obras mais emblemáticas. A pesquisa é relevante dada à escassez de estudos gerais da articulação entre o turismo e a arquitetura e, específicos em relação à arquitetura moderna, assim como, às ameaças sofridas por estes edifícios de valor patrimonial devido à descaracterização ou demolição. Além disso, o estudo do tema pode contribuir para a criação de um senso crítico com relação aos impactos da sociedade de consumo e do turismo contemporâneo sobre a cidade existente. Por tratar-se de uma pesquisa recente, o artigo pretende documentar os principais exemplares de hotéis modernos no Nordeste, identificando a sua contribuição para o desenvolvimento do turismo e para a modernização da Região em função da atuação do Estado, por meio de decretos, incentivos e políticas públicas e da iniciativa privada.

**Palavras-chave:** turismo. arquitetura moderna. hotel.

***Tourism and modern hotel in Northeast region of Brazil.***

### Abstract

*This paper intends to investigate the relation between tourist activities and the conception and construction of modern hotel buildings in Northeast region of Brazil. Furthermore, it intends to briefly analyze, catalogue and fit in a timeline the most singular buildings. This research is relevant due the lack of knowledge on subjects related to tourism and architecture, specifically the ones related to modern*

*architecture, and due the fact that many of these buildings are already being adulterated or under risk of destruction. Moreover, by researching this subject it contributes to criticize the impacts of consumer society lifestyle and contemporary tourism over the existent city. Considering the fact that this is a recent and on going research, this paper intends to focus on the main modern hotels in Northeast region, besides identify its contribution to tourism development and modernization of the area through State's actions as implementation of regulations, public policies and financial incentives, as well as actions and investments from private partners.*

**Keywords:** *tourism. modern architecture. hotel*

## **Turismo y el hotel Moderno en el nordeste de Brasil**

### **Resumen**

*Este artículo tiene como objetivo investigar la relación entre la actividad turística y la concepción y la construcción de edificios de hoteles en el noreste de Brasil, esbozando una sistematización, periodización, identificación y análisis de las obras más emblemáticas. La investigación es relevante dada la escasez de estudios generales de la relación entre el turismo y la arquitectura y específica en relación con la arquitectura moderna, así como las amenazas que enfrentan estos edificios debido a la adulteración o demolición. Además, el estudio puede contribuir a la creación de un sentido crítico con respecto a los impactos de la sociedad de consumo y del turismo contemporáneo sobre la ciudad existente. Siendo un estudio reciente, el trabajo tiene como objetivo documentar los principales hoteles modernos en el noreste, identificando su contribución al desarrollo del turismo y la modernización de la región en función de la actuación del Estado, por medio de decretos, incentivos y políticas y de la empresa privada.*

**Palabras clave:** *turismo. la arquitectura moderna. Hotel*

### **1 Introdução**

Embora o início da modernização do Nordeste estivesse vinculado prioritariamente às atividades de produção industrial, percebe-se a partir da década de 1950 e, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970 um incremento e incentivo ao turismo, através da atuação do Estado, por intermédio de decretos, políticas públicas e incentivos fiscais e financeiros, assim como ações do mercado. Mesmo de forma secundária, o pressuposto de que a atividade turística constitui uma importante propulsora do desenvolvimento econômico redundou na construção de significativos exemplares de hotéis no Nordeste, construídos na sua maioria dentro dos princípios da arquitetura moderna brasileira, ao mesmo tempo em que eram sintomas da difusão destes valores, demonstrando também a sua aclimação em contextos diversos dos centros mais desenvolvidos. Este acervo remanescente e a atuação de vários arquitetos modernos constituem relevantes objetos de documentação e análise, com perspectivas de contribuir para a sua valorização e consequente conservação. Sendo assim, o objetivo deste artigo é investigar a relação entre a atividade turística e a concepção e construção de edifícios hoteleiros no Nordeste do Brasil, esboçando uma sistematização, periodização, documentação, assim como a identificação e análise das obras mais emblemáticas.

## 2 Políticas de turismo e hotelaria: uma esboço de periodização

A construção de hotéis no Brasil no século XX foi incrementada pelo Estado e pelo mercado, em consonância com o estágio de urbanização verificado em diferentes rincões do imenso país, contribuindo para a articulação e deslocamento de pessoas e mercadorias entre os principais núcleos urbanos, assim como para o desenvolvimento do turismo como atividade econômica.

O papel desempenhado pelo Governo Federal no incremento da atividade turística pode ser compreendido com base na periodização concebida por Cruz (2000) em relação às políticas nacionais de turismo, a saber: período “*pré-história jurídico-institucional*” (1938-1966); “*política nacional de turismo*” (1966-1991) e o período contemporâneo, a partir de 1991. Esta periodização constitui um esboço para o estabelecimento de recortes temporais em relação ao estudo da arquitetura moderna e a hoteleira.

O período “*pré-história jurídico-institucional*” das políticas nacionais de turismo, que se inicia em 1938 com o decreto-lei 406/1938 e se estende até 1966 caracteriza-se pela desconexão dos instrumentos de regulação e fragmentação institucional, concentrando-se fundamentalmente no controle de agências de viagens.

A segunda fase se inicia a partir do decreto-lei 55/1966 e caracteriza-se pela criação de um aparato institucional mais organizado, através da criação de uma “*política nacional de turismo*”. Esse período é marcado por políticas que valorizam prioritariamente a infraestrutura hoteleira. As ações voltadas para o Nordeste se inserem nessa fase obedecendo às mesmas proposições contidas na política nacional para o setor, sustentada em incentivos fiscais e financeiros. Some-se a isto, o II Plano de Desenvolvimento Nacional - II PND – estabelece estratégias mais abrangentes para o desenvolvimento da atividade no Nordeste em consonância com outras ações de planejamento, estabelecendo como objetivo: “*a ordenação da ocupação da orla marítima, preservando-se o patrimônio histórico e valorizando-se a beleza paisagística, com vistas ao desenvolvimento do turismo interno e internacional*” (BRASIL - II PND, 1974).

Este período testemunha ainda o início dos incentivos financeiros e fiscais do Governo direcionados para o turismo, em conformidade com as ações da EMBRATUR, conforme o artigo abaixo:

Art. 3º. A Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR - celebrará convênios com a SUDENE, a SUDAM, o Banco do Nordeste do Brasil S.A. e o Banco da Amazônia S.A., com vistas à utilização dos incentivos previstos neste Decreto e no Decreto-lei nº 55, de 18 de novembro de 1966 (BRASIL, 1967)

Estas políticas foram seguidas por outros incentivos fiscais, como o Decreto-lei n. 1.191, de 27 de outubro de 1971, que cria o Fundo Geral de Turismo (Fungetur) e Decreto-lei n. 1.376 de 12 de dezembro de 1974, que cria o Fundo de Investimento do Nordeste (Finor), o Fundo de Investimento da Amazônia (Finam) e o Fundo de Investimentos Setoriais (Fiset). Estas ações estavam imbuídas das tentativas de diminuição das disparidades regionais e a busca pela unificação do mercado nacional, que embora tivesse a industrialização atividade econômica principal, incluía o turismo na política econômica.

O último período inicia-se com a revogação da lei anterior e a sua substituição pela Lei 8181/1991, que reestrutura a EMBRATUR e absorve as mudanças do significado do turismo contemporâneo e seu apelo economicista.

Na atualidade, verifica-se que o turismo continua a impactar sobremaneira a produção da arquitetura relacionada às tipologias dos meios de hospedagem (hotéis, pousadas, resorts e resorts integrados). Embora esta análise seja relevante, este período não faz parte do recorte proposto neste artigo.

### **3 A gênese dos hotéis modernos no Nordeste: signos da modernidade**

Ainda que os primeiros hotéis no Brasil tenham surgido no século XIX, somente no início do século XX se intensificaram as melhorias em termos de instalações e serviços, de acordo com as demandas por meios de hospedagem frente ao processo de modernização no primeiro pós-guerra. A construção de hotéis neste período foi estimulada pelo incremento da urbanização das principais cidades brasileiras e motivada muito mais pelo negócio que propriamente pelo ócio, uma vez que a sua implementação advinha da necessidade de hospedar não propriamente turistas, mas viajantes (comerciantes, proprietários fundiários, políticos, artistas e estrangeiros) com diversas motivações de viagem.

A partir da década de 1940, surgem os hotéis-cassino, alguns urbanos e outros localizados em cidades em que a atração em si era o hotel<sup>1</sup>, sendo incorporado o lazer ao programa de necessidades do equipamento. Com a proibição por decreto federal dos jogos de azar desde 1946, os hotéis-cassino entraram em decadência ou tiveram que se reinventar para se manter. Alguns destes hotéis, localizados em centros urbanos ou núcleos menores tornaram-se verdadeiros ícones urbanos, como é o caso do Copacabana Palace Hotel (1919-1923) no Rio de Janeiro, projeto do arquiteto francês Joseph Gire e o hotel-cassino Quitandinha (1944), em Petrópolis e projetado pelos arquitetos Luis Fossati e Alfredo Baeta Neves.

A construção de hotéis em capitais regionais, inclusive no Nordeste, justificou-se por demandas domésticas relacionadas, sobretudo, à dinâmica econômica, ainda com raízes agroexportadoras. Estes edifícios de pequeno e médio porte reproduziam as referências dos hotéis construídos nas grandes cidades, sobretudo da capital federal.

A recorrência à linguagem eclética e suas variantes caracterizou a produção hoteleira na primeira metade do século, assimilando também influências protomodernas e art déco a partir da década de 1930. O Art Déco constituía uma tentativa de conciliar os avanços tecnológicos provenientes do processo de industrialização da construção sem, no entanto, abandonar a cultura arquitetônica historicista, tanto em relação à sua composição formal como à adoção de elementos decorativos. Estas manifestações expressavam intenções modernizantes, signos de uma *“modernidade pragmática”* (SEGAWA, 2002), pois *“mais do que um movimento integrado ou alternativo às vanguardas dos anos 20, é uma tendência que estabeleceu uma ponte entre o ecletismo, já carente de vitalidade própria, e o radicalismo do racionalismo europeu.”* (SEGRE, 1991). Esta foi uma postura

---

<sup>1</sup> Como é o caso de hotéis em estações balneárias em São Paulo e Minas Gerais, em Poços de Caldas, Águas de Lindóia, Águas de São Pedro e o famoso Quitandinha, em Petrópolis no Rio de Janeiro.

arquitetônica amplamente adotada na construção de hotéis erguidos em diversas capitais do Brasil.

Ainda na década de 1940, dois projetos de hotéis modernos inauguram a contribuição do “*modernismo programático*” (SEGAWA, 2002), a vertente moderna de caráter erudito e teórico, à tipologia hoteleira: o Park Hotel, de 1944, localizado no Parque São Clemente, em Nova Friburgo, projeto de Lúcio Costa e o Grande Hotel Ouro Preto, de 1945, projeto de Oscar Niemeyer<sup>2</sup>. Embora de forma discreta e episódica no contexto espacial e temporal das suas realizações, pois são exceções em relação à linguagem hegemônica adotada nos hotéis da época, ambos constituem referências significativas não somente para a compreensão da gênese do hotel moderno no Brasil, mas também expressões das especificidades que caracterizam o modernismo arquitetônico brasileiro. A austeridade da construção do Park Hotel e seu “*sincretismo tecnológico*” (COMAS, 2010) são como os próprios manifestos teóricos de Lúcio Costa, que reúnem tradição e modernidade.

É na década de 1950 que se testemunha um ponto de inflexão, tanto no surto de construções de hotéis, como na adoção predominante da linguagem moderna nos projetos. Este incremento do setor hoteleiro se deve nem tanto a uma política específica para o setor, mas se justifica em função dos reflexos da adoção da industrialização como paradigma de desenvolvimento, redundando na implementação da indústria automobilística e na ampliação e profissionalização da aviação comercial no Brasil. As viagens e o turismo de massa se anunciam internacionalmente e são tributários das mudanças sociais e tecnológicas provenientes da industrialização.

A atividade turística se difunde com a ascensão da sociedade moderna no contexto do capitalismo industrial e das conquistas trabalhistas promovidas pelo Estado de bem estar social (Welfare State). Os avanços tecnológicos foram responsáveis por viabilizar e facilitar os deslocamentos, com o advento de meios de transportes e meios de comunicações mais eficientes. Entretanto, é preciso destacar que o tempo livre foi, a princípio, prerrogativa das elites, somente com as reivindicações da classe assalariada é que se conquista o tempo para o lazer, que se converte em viagem turística (PAIVA, 2011, p.34).

A construção de Brasília foi um marco da industrialização e da modernização do país, assim como redimensionou a geografia dos fluxos de pessoas e mercadorias no período de unificação do mercado nacional, liderado pela Região Sudeste, com São Paulo como pólo econômico dominante. Antes mesmo da cidade ser inaugurada, é construído em 1958, o Brasília Palace Hotel, projeto de Oscar Niemeyer, no auge do período de reconhecimento internacional da arquitetura moderna brasileira. Brasília passou a ser um lugar por excelência para implementação de hotéis com a linguagem moderna, tanto pela necessidade de dotar a nova capital federal de meios de hospedagem, com a previsão no plano-piloto de dois setores (norte e sul) exclusivos para tal fim, como por representar a apoteose do modernismo arquitetônico.

Ao longo da década de 1960, não somente Brasília, mas diversas capitais já contavam com importantes hotéis de feição moderna, conformando de algum modo um parque hoteleiro no Brasil. O papel do Estado no incremento da instalação de

---

<sup>2</sup> O Hotel Tijuco em Diamantina (MG) de 1951 é outro projeto moderno de Niemeyer de grande relevância arquitetônica. “*havendo influenciado fortemente Affonso Reidy nos prédios do colégio Brasil-Paraguai e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projetados em 1953 e 1954*” (CAVALCANTI, 2001, p. 286)

hotéis, conforme foi dito anteriormente, ocorre de forma fragmentada em relação à regulamentação e às políticas e, a sua articulação com o mercado, representado por empresas hoteleiras e particulares, se estabelece no contexto local.

Os primeiros hotéis com características notadamente modernas no Nordeste surgem neste contexto do início da industrialização, da unificação do mercado nacional e da modernização das capitais regionais, reforçando o seu papel de pólos administrativos e terciários, intermediando relações econômicas, políticas e culturais entre o pólo dominante e suas áreas de influência.

Os fluxos de idéias, valores e agentes de difusão do modernismo arquitetônico ocorrem em função do estágio de desenvolvimento das capitais dos diferentes estados do Nordeste e se relacionam em grande medida com criação de escolas de arquitetura, difusão de revistas de arquitetura, além dos deslocamentos dos “arquitetos nômades, migrantes e peregrinos” (SEGAWA, 2002).

Dentre os hotéis construídos até meados da década de 1960, destacam-se o Hotel da Bahia em Salvador, o Hotel Boa Viagem, em Recife e o Hotel São Francisco em Penedo, Alagoas.

O **Hotel da Bahia (1947-1951)** constitui um dos exemplos mais emblemáticos de arquitetura hoteleira moderna no Nordeste. Foi projetado por Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973) e Diógenes Rebouças (1914-1994) por meio do EPUCS, Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, diante da necessidade de se construir um grande hotel nos padrões internacionais na capital do estado. Embora o governo estivesse viabilizando hotéis em cidades do interior, a capital da Bahia demandava um equipamento desta natureza. Para Andrade Junior (2012, p. 488):

Enquanto o Governo do Estado promovia a construção de dois grandes hotéis nas estâncias hidrominerais de Itaparica e Cipó, a capital continuava sem dispor de um equipamento hoteleiro que pudesse hospedar dignamente artistas, políticos e empresários oriundos de outras cidades.

Nesse contexto, a realização do Hotel veio a se concretizar devido à vontade política do governador da Bahia, somada à iniciativa de um grupo de empresários, resultando na criação da empresa “Hotel da Bahia S.A.” que veio a gerir o empreendimento. *“Em 1963, o Hotel, que até então era administrado diretamente pelo Governo do Estado, passa a ser operado pela Companhia Tropical de Hotéis, que posteriormente adquire o seu controle acionário”* (ANDRADE JUNIOR e LEAL, 2007, p.15).

A construção do empreendimento não possui uma motivação propriamente relacionada a um planejamento ou política de turismo, ainda que nasça de uma parceria entre o Estado e o mercado, uma vez que o Governo foi responsável pela construção e era proprietário do empreendimento.

O Hotel funcionou como uma representação da modernização da cidade, inovando na hibridização do programa, que acolhe restaurante, boates e serviços voltados também para a elite soteropolitana. A linguagem arquitetônica moderna é de matriz corbuseana, pois busca adotar os cinco pontos preconizados pelo mestre, que influenciou sobremaneira os arquitetos, reforçando o caráter icônico do edifício<sup>3</sup>. Colaboraram para tal condição a sua localização no Campo Grande, área de valor

---

<sup>3</sup> A qualidade arquitetônica do edifício é tão significativa, que o mesmo consta em importantes publicações de relevância internacional na década de 1950, período heróico e de maior reconhecimento da arquitetura moderna brasileira, como: L’Architecture d’Aujourd’hui de dezembro de 1949; e Arquitetura Moderna no Brasil de Henrique Mindlin.

cultural e paisagístico relevante de Salvador e lócus de outro importante edifício do modernismo na Cidade: o Teatro Castro Alves. Para Cavalcanti (2001), o Hotel da Bahia pode ser considerado o primeiro hotel modernista de grande porte no Brasil.

O projeto preconiza a síntese das artes, premissa fundamental do modernismo, incorporando nos seus espaços sociais diversas obras de arte de renomados artistas como Carybé, Pierre Verger, Tatti Moreno e Genaro de Carvalho, tendo sido palco de importantes eventos de promoção da arte moderna baiana, como o I Salão Baiano de Belas Artes.

O Hotel da Bahia passou por algumas reformas, sendo a mais significativa o projeto de ampliação empreendido pelo próprio Diógenes Rebouças entre 1980-1984, que expandiu o número de pavimentos em três, promoveu ampliações nos pisos inferiores incluindo estacionamentos, novas piscinas, aumento das áreas de serviço, espaços de lazer, um novo restaurante, além de auditório e salas de reuniões, praticamente duplicou sua área construída (de 13.000 m<sup>2</sup> para 24.000 m<sup>2</sup>).

Em 2010 foi tombado como bem cultural pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), órgão do Estado da Bahia. Desde que passou a fazer parte da rede de hotéis Sheraton em 2012, o hotel vem sofrendo reformas com o intuito de resgatar de alguma forma a feição original do fim da década de 1940.



Figura 01 – Hotel da Bahia na década de 1960

Fonte: Jornal A Tarde



Figura 02 – Hotel da Bahia depois da reforma de 2012

Fonte: skyscrapercity

O **Hotel Boa Viagem** (1954), projetado pelo arquiteto Américo Campello<sup>4</sup> foi um importante exemplar da tipologia hoteleira moderna em Recife, destacada metrópole nacional à época e que já havia protagonizado experiências modernistas desde a década de 1930 com Luiz Nunes. Localizado na Praia de Boa Viagem, o hotel contribuiu sobremaneira para a valorização da orla, que historicamente constituía espaço de veraneio, tendo induzido a atração de novos usos (residenciais e comerciais) a partir da década de 1960, consoante “*a melhoria do acesso a partir da cidade (pontes sobre o estuário do rio Capibaribe)*” (COSTA et ali, 2008, p. 238). O Hotel Boa Viagem suscitou também o processo de verticalização do bairro, acompanhado por edifícios residenciais multifamiliares como o Califórnia (1953), projeto de Acácio Gil Borsoi e o Acaiaca (1957) de Delfim Amorim.

O projeto, mesmo de feição moderna, mantém certo conservadorismo, uma vez que suas fachadas são simétricas e há ainda uma referência à composição classizante, com base, desenvolvimento e coroamento. Destaca-se a adoção de varandas nas suítes voltadas para o mar, que repercutem positivamente na composição da volumetria do edifício.

O Hotel Boa Viagem contribuiu para expansão urbana de Recife, reforçando a localização privilegiada de meios de hospedagem no litoral, suscitando a construção de outros hotéis e o incremento o turismo.

Diferente do Hotel da Bahia, o Hotel Boa Viagem teve um fim trágico: foi demolido em 2007 para dar lugar a um edifício de quase quarenta pavimentos. Para Souza (2009) “*as demolições conduzidas pelos promotores imobiliários não escolhem quais exemplares demolir, mas qual localização será mais vantajosa financeiramente*”, revelando que a localização privilegiada prevalece sobre o valor histórico e cultural da edificação.



Figura 03 – Hotel Boa Viagem em fins da década de 1950

Fonte: skyscrapercity

---

<sup>4</sup> O arquiteto carioca foi responsável pelo projeto da Sede Náutica do Clube de Regatas Vasco da Gama, iniciado em 1948.

O **Hotel São Francisco** (1962), em Penedo, no interior de Alagoas às margens do Rio São Francisco constitui um importante exemplar de hotel moderno no Nordeste, pois simboliza um esforço de modernização não somente das capitais, mas também de cidades do interior. O contexto da construção do hotel se relaciona com o intuito de incrementar, embora de forma incipiente, o turismo na cidade, que tem como principal atrativo o seu patrimônio colonial. Para Silva (1991), a partir da década de 1950, Penedo passa a se destacar com a presença de algumas indústrias têxteis e de um porto, que tinha como principal função possibilitar o escoamento da produção agrícola. Este incremento no desenvolvimento econômico da cidade foi acompanhado de avanços na infraestrutura de água, rede elétrica e telefônica, empreendidas pela “*Companhia Melhoramentos de Penedo*”,

É neste sentido que se encaminha a proposta de construção de um luxuoso hotel, que fosse, simultaneamente suporte e razão de implementação dos negócios turísticos. O projeto é executado pelo arquiteto Américo Campelo, de Recife, que traz a experiência anterior de outros projetos similares, como o Hotel Boa Viagem em Recife. (SILVA, 1991, p. 169)

É importante destacar as semelhanças (a composição, o uso do pilotis, a grelha das varandas) entre o Hotel São Francisco e o Hotel Boa Viagem, justificadas pela autoria comum do arquiteto Américo Campelo, que embora fosse pernambucano, estudou no Rio de Janeiro. O hotel emerge como um ícone moderno na paisagem, atendendo aos anseios de modernização da população, contrastando sobremaneira com a arquitetura tradicional de Penedo, tanto em relação ao gabarito da edificação, impactando a morfologia urbana, como em relação à linguagem das edificações. A sua condição de marco se sobressai também porque abriga usos modernos para época, como cinema, restaurante e serviços, conferindo-lhe um caráter híbrido. O Hotel São Francisco abrigou também importantes obras de artes, tanto nas áreas comuns e no cinema, destaque para os painéis do pintor Lula Cardoso Ayres

Para Brendle (2012), apesar ter seu valor reconhecido como patrimônio moderno, devido ao grande impacto que causou na paisagem da cidade, o Hotel chegou a ser apontado pelo IPHAN como um empecilho ao tombamento do sítio histórico de Penedo a nível nacional já que os técnicos do órgão argumentavam que a construção do edifício teria descaracterizado o conjunto. Somente em 1996, depois de várias discussões em torno da presença marcante do edifício na cidade, Penedo foi tombada pelo IPHAN como “*Conjunto Histórico e Paisagístico*”.

Entretanto, este instrumento de proteção não resguardou o hotel das ameaças sofridas pela arquitetura moderna, que por se tratar de um patrimônio recente, torna-se mais vulnerável às descaracterizações e demolições, assevera Brendle:

Embora tenha sido pedido o tombamento estadual do Hotel São Francisco desde 2011, a integridade física do edifício está ameaçada por obras de reformas e conservação não autorizadas pelo IPHAN-AL, como a tentativa de transformar o cinema em estacionamento, e algumas intervenções nos apartamentos, no mobiliário e demais elementos originais, que comprometem a preservação deste exemplar da arquitetura modernista nordestina (BRENDLE, 2012, p. 24).



Figura 03 – Hotel São Francisco em 1962

Fonte: BRENDLE, 2012.

#### **4 A consolidação dos hotéis modernos no Nordeste: o papel da Companhia Tropical de Hotéis.**

Apesar dos desdobramentos políticos do Golpe Militar de 1964, as diretrizes em relação ao crescimento econômico se intensificavam, sobretudo em relação à adoção da industrialização como modelo de desenvolvimento.

Embora a industrialização tenha se efetivado, o Brasil se transformou em um “país subdesenvolvido industrializado” (SANTOS, 2003:51), tendo como conseqüência o endividamento “permanente e cumulativo”, a penetração de firmas estrangeiras, enormes desigualdades de renda e empobrecimento galopante, que repercutiram em um processo de urbanização intenso e contraditório, com manchas de desenvolvimento e degradação urbana.

A expansão da rede hoteleira em fins da década de 1960 e 1970, na era do “milagre econômico” se deve à inclusão, embora discreta do turismo como atividade econômica; à melhoria da rede rodoviária e aeroviária do país; à expansão das práticas de lazer; ao aumento dos fluxos de negócios e trocas comerciais e de serviços, gerando demanda por meios de hospedagem; à constituição da hotelaria como produto imobiliário; e aos incentivos fiscais e financeiros, isoladamente ou agrupados, contribuindo para a construção de hotéis.

Na década de 1970, o setor hoteleiro no Brasil apresentou sinais de grande vitalidade, com a consolidação de redes hoteleiras nacionais, como a Rede Tropical de Hotéis e a rede Othon, além da penetração de empresas internacionais como o grupo Sheraton e Hilton Internacional Corporation (ARAÚJO, 2015).

O São Paulo Hilton Hotel (1963/1971), de autoria do arquiteto Mário Bardelli e construção de Christian-Nielsen Engenharia, se converteu em um ícone da cidade e da arquitetura, embora não tenha referências brutalistas. É importante salientar que ao longo da década de 1970, a arquitetura hoteleira se desenvolvia consoante à afirmação da arquitetura moderna, marcada por duas referências marcantes: a escola paulista brutalista e a escola carioca. A coexistência destas duas vertentes do modernismo arquitetônico brasileiro influenciou a recepção e aplicação destes valores de forma integrada.

No Rio de Janeiro, destacam-se o Hotel Sheraton (1968), no Leblon e o Hotel Intercontinental (1971), situado na Praia de São Conrado. Ambos os hotéis constituem importantes referências modernas, sendo projetados por Henrique Mindlin Associados, cujo titular foi figura destacada no desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil. Os hotéis expressam uma regularidade geométrica e estrutural condizentes com os princípios modernistas e intensificam os programas de hotéis com forte apelo ao lazer, visíveis na incorporação de grandes áreas sociais à moda dos clubes e na localização privilegiada na Praia, ratificando a sua relação com a dinâmica e valorização imobiliária das metrópoles litorâneas.

O Hotel Nacional no Rio de Janeiro, de autoria de Oscar Niemeyer e inaugurado em 1972 ostentava a condição de um dos hotéis mais luxuosos do Brasil, pela representatividade da sua localização, verticalidade e forma circular. Juntamente com o Intercontinental supracitado, cooperaram para a expansão da valorização imobiliária na zona oeste do Rio de Janeiro em direção à Barra da Tijuca.

Desde a década de 1950, houve um esforço de diminuição das disparidades regionais no Brasil, que se agravaram com o advento da industrialização e redundaram na criação de agências de desenvolvimento no Norte (SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento do Norte em conjunto com o Banco da Amazônia) e Nordeste (SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste em conjunto com o BNB – Banco do Nordeste do Brasil), regiões francamente mais desfavorecidas em relação às políticas nacionais de desenvolvimento.

Conforme foi destacado anteriormente, várias ações do Estado, por meio de instrumentos legais, planos governamentais e atuação da SUDENE contribuíram, embora timidamente, para incrementar o turismo no Nordeste e conseqüentemente a hotelaria, apostando no seu clima e atratividade natural. A atuação da iniciativa privada continuou a ser preponderante, seja de empresários locais, seja de rede de hotéis.

Ao longo da década de 1960 e 1970, a **Companhia Tropical de Hotéis**<sup>5</sup>, subsidiária da VARIG, cumpriu um papel importante na consolidação da empresa aérea, considerada à época como a mais importante do Brasil. A Companhia favorecia sobremaneira a viabilização da rede aeroviária brasileira, uma vez que construía meios de hospedagem para abrigar a tripulação da empresa em serviço, em lugares estratégicos e longínquos, criando hotéis que eram também em si, um atrativo. A iniciativa privada da VARIG, que recebia incentivos fiscais e financeiros do governo, se alinhava ao projeto de poder da ditadura militar, que preconizava a ideologia de um Brasil grande, moderno e integrado.

A construção de hotéis pela VARIG seguia uma tendência mundial em associar meios de hospedagem a transporte aéreo, a exemplo das grandes empresas internacionais de aviação, como fez a Air France com a rede de hotéis Méditerranée, só para citar um exemplo.

A princípio, a Companhia passou a arrendar hotéis já construídos, como foi o caso do Hotel da Bahia, em Salvador e o Hotel Internacional dos Reis Magos em

---

<sup>5</sup> “A Companhia Tropical de Hotéis foi constituída a 20 de agosto de 1959, com a denominação de Realtur S.A. Hotelaria, sob a forma de sociedade anônima, conforme ata de constituição publicada no Diário Oficial de 07.11.1959, arquivada na Junta comercial do Estado de São Paulo sob o nº 153.980, em 23.10.1959” (LEONE, 1969, p. 8)

Natal, ambos com feições notadamente modernistas e projetados por arquitetos de formação moderna.

O **Hotel Internacional Reis Magos**, inaugurado em 1965 em Natal, foi construído por iniciativa do Governo do Estado e depois de ser administrado pela EMPROTURN foi arrendado durante 15 anos pela Companhia Tropical de Hotéis. Com o projeto original elaborado por uma equipe de arquitetos pernambucanos, composta por Waldecy Pinto, Antônio Didier e Renato Torres, o edifício constitui importante exemplar da arquitetura moderna potiguar. Embora Natal já contasse com o Grande Hotel, construído em 1939, no pós-guerra, as companhias aéreas operantes no Rio Grande do Norte passaram a reivindicar melhorias nos hotéis e aeroportos existentes.

O complexo contava com 63 apartamentos, 01 suíte presidencial, recepção, salões nobres, elevadores, parque aquático, sauna, playground, restaurante, estacionamento com aproximadamente 50 vagas, boite, salão de beleza, áreas de lazer, lojas de artesanato, serviço médico, saguão abrigado para embarque e desembarque (sob pilotis) (TRIGUEIRO et alii, 2014, p. 8).

O Hotel surgiu como produto da dinâmica de modernização, investimentos em infraestrutura e o início de ações voltadas para o turismo. O Hotel Reis Magos, assim como outros que surgem na década de 1960 e 1970, por se localizarem nas zonas de praia indicam a fuga de funções urbanas dos centros históricos.

A inserção urbana do Hotel Internacional Reis Magos é privilegiada e ocupa uma quadra inteira na Praia do Meio. O projeto preconizou a interseção entre o volume curvo e a base mais regular, que define a distribuição de funções do edifício, expressando também a qualidade formal do edifício.

A obra testemunha as preocupações dos arquitetos em adaptar os valores da matriz da arquitetura moderna brasileira às especificidades do lugar, como pode ser observado na locação adequada em relação aos condicionantes climáticos (ventilação e insolação) e ao emprego de cobogós (elementos vazados), como se observa na fachada sudoeste do bloco curvilíneo.

A decadência do Hotel a partir da década de 1980 se deve de alguma forma à implantação de hotéis na Via Costeira e na Praia de Ponta Negra. Em 1995, o empreendimento fechou as portas e depois foi adquirido pela empresa Hotéis Pernambuco S.A., que pretendia demolir o edifício e substituí-lo por um shopping, o que não aconteceu. Mais recentemente, o debate em torno da demolição do Hotel adquiriu grande repercussão no cenário potiguar, com a participação do Ministério Público, professores e pesquisadores e a sociedade civil, que reivindicaram a conservação e intervenção no edifício para resguardar a sua importância patrimonial.



Figura 04 – Hotel Internacional Reis Magos

Fonte: TRIGUEIRO et ali, 2014



Figura 05 – Hotel Internacional Reis Magos

Fonte: TRIGUEIRO et ali, 2014

A Companhia Tropical de Hotéis-VARIG passou a contratar projetos e construir hotéis em diversas cidades do Brasil, consoante os interesses privados da empresa e os interesses públicos do Governo Militar.

Dentre os projetos executados, o do **Tropical Hotel Tambaú** (1966-1970) em João Pessoa-PB é um dos que mais se destaca. Projetado pelo arquiteto carioca Sérgio Bernardes (1919-2002), o Tambaú constitui um dos edifícios modernos mais significativos da capital paraibana, seja pela a sua importância urbanística, acentuando o processo de ocupação da orla e da porção leste da cidade, iniciada na década de 1950; seja pelo ineditismo e originalidade da sua forma, relacionada também à sua implantação: um círculo localizado no vértice do encontro entre duas praias.

Sua construção procurava responder ao anseio de modernização e a deficiência do setor hoteleiro na capital. A construção do Tropical Hotel Tambaú tem articulações e subsídios do governo militar, e compõe, juntamente com obras de infraestrutura (BR-230 e o Anel do Brejo), estratégias de modernização e início de

políticas de turismo como fator de desenvolvimento e integração nacional (ROCHA e TINEM, 2013).

No Tropical Hotel Tambaú, e em outros da rede projetados por Bernardes, prevalece um desenvolvimento circular e radial na solução espacial, funcional, técnica e formal dos edifícios, além de um apelo icônico em relação à paisagem natural e construída, funcionando quase como um “*acidente geográfico*” na orla da cidade.

O programa do hotel e sua localização na faixa litorânea reforçam a sua condição de lazer e viés turístico. O edifício abrigava também um cinema e uma boate, sendo uma oferta de lazer para a população local.

Com a manutenção do uso e atualizações das instalações e equipamentos, o Hotel conserva a sua importância não somente como oferta de meios de hospedagem, mas também como signo da imagem urbana e turística de João Pessoa.



Figura 06 – Tropical Hotel Tambaú

Fonte: ROCHA e TINEM, 2013

Na categoria de projetos não executados destaca-se o **Hotel Tropical de Recife**, que foi outro projeto solicitado ao arquiteto Sérgio Bernardes que não foi construído, que assim como o de Manaus, apresentava uma proposta bastante inovadora. O ineditismo se traduzia, a priori, na implantação, ao propor um edifício inserido na água do mar a fim de preservar os coqueiros existentes na faixa de areia da Praia de Boa Viagem. Além da implantação, cabe destacar a forma inusitada do hotel que se desenvolvia em torno de um eixo circular que estruturava os pavimentos (forma helicoidal).

A análise do segundo período se concentrou predominantemente na produção relacionada à Companhia Tropical de Hotéis, discutindo o seu papel e parceria com o Estado no início das ações da SUDENE. Entretanto, a arquitetura hoteleira moderna na Região teve outros exemplares relevantes neste período, que não compõem o recorte da análise.

## 5 Considerações Finais

Em síntese, o primeiro período corresponde à fase de introdução e difusão dos princípios modernos no Nordeste e a coexistência com a “*modernidade pragmática*”, representada por tendências com traços art déco e protomodernistas. Neste sentido, apesar da diversidade de soluções e linguagens para a tipologia hoteleira, a atitude

moderna se estabelece como uma postura erudita, apresentando inserções urbanas de grande relevância, favorecendo a criação ou reforço de novas centralidades; agenciamento do programa de necessidades de forma mais complexa, inclusive com a incorporação de novos usos; ampla utilização do concreto armado como sistema estrutural e de materiais industrializados; expressões formais mais abstratas, típicas do modernismo; incorporação das artes plásticas às soluções arquitetônicas em busca de uma síntese das artes. Neste período, o turismo não está propriamente estabelecido e o hotel atende a diversas motivações de viagens e público.

O segundo período, marcado pela consolidação da arquitetura moderna no Norte e Nordeste, constata-se acomodações da linguagem racionalista às particularidades locais, sendo os hotéis uma expressão destas idiosincrasias. Aqui, o turismo começa a ser pensado como uma atividade econômica importante e os hotéis construídos começam a melhorar os espaços de lazer, para que o hotel em si constitua uma motivação para a viagem e suscite o desenvolvimento do turismo.

Vale ressaltar ainda que nos dois períodos a participação de arquitetos modernos procedentes sobretudo do sudeste é uma realidade, o que favoreceu o intercâmbio dos princípios modernistas e sua adaptação aos contextos locais, colaborando para a modernização das cidades e criando as bases para o início do desenvolvimento da atividade turística no Nordeste.

Inserido em uma pesquisa mais ampla, este artigo não teve a pretensão de abarcar toda a produção moderna de hotéis nos estados do Nordeste, mas apresentar um panorama geral, identificando os hotéis modernos de grande valor patrimonial, e o seu papel como testemunhos da gênese do desenvolvimento da atividade turística na Região.

A relevância desta pesquisa se sustenta em dois aspectos essenciais: por um lado, as escassas pesquisas específicas sobre a relação entre o turismo e a arquitetura moderna, deixando um campo de estudo vasto para os pesquisadores, que embora constem de alguns estudos dedicados à pesquisa sobre o turismo e suas manifestações espaciais, poucos privilegiam a ótica das teorias do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo; por outro lado, muito das transformações e dinâmicas socioespaciais contemporâneas tem provocado e ameaçado, gradativamente e aceleradamente a manutenção e conservação deste importante legado do modernismo arquitetônico, sendo a documentação dos hotéis modernistas no Nordeste uma premissa para a preservação do acervo remanescente.

## 6 Agradecimentos

Ao CNPq e a UFC, que custeiam alunos com bolsa PIBIC.

## 7 Referências

ANDRADE JUNIOR, N. V. **Arquitetura Moderna na Bahia, 1947-1951: Uma história a contrapelo**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 2 v.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de ; LEAL, João Legal . **Arquitetura Moderna e Reciclagem de Patrimônio Edificado: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças**. In: 7º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2007, Porto Alegre. Anais do 7º Seminário DOCOMOMO Brasil. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2007. v. 1.

ARAUJO, Cristina Pereira de. Arquitetura hoteleira: meio, fim ou imagem? In: VARGAS, Heliana Comin; PAIVA, Ricardo Alexandre (orgs.). **Turismo, Arquitetura e Cidade**. Barueri: Editora Manole, 2015.

BRASIL (REPÚBLICA FEDERATIVA). II PND. **II Plano de Desenvolvimento Nacional (1975-1979)**. Brasília: Serviço Gráfico do IBGE, 1974.

BRASIL. Senado Federal. **DECRETO Nº 62.006**, de 29 de dezembro de 1967. In: [http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=62006&tipo\\_norma=DEC&data=19671229&link=s](http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=62006&tipo_norma=DEC&data=19671229&link=s). Acesso em 30/09/2015.

BRENDLE, Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti. **Quando o moderno era um estorvo ao tombamento do IPHAN. O Hotel São Francisco em Penedo**, Alagoas.. In: 4º DOCOMOMO NORTE/NORDESTE, 2012, Natal. Anais do 4º DOCOMOMO NORTE/NORDESTE. Natal: UFRN, 2012.

CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno. Guia de arquitetura 1928-1960**. Aeroplano, Rio de Janeiro; 1ª edição, 2001.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 123.00, Vitruvius, ago. 2010 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513>>.

COSTA, M. F.; ARAÚJO, M. C. B.; CAVALCANTI, J. S. S.; SOUZA, S. T. Verticalização da Praia da Boa Viagem (Recife, Pernambuco) e suas Consequências Socioambientais. **Revista da Gestão Costeira Integrada**. 8(2): p. 233- 245, 2008.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

LEONE, José Carlos. **Tropical Hotel de Manaus**. Rio de Janeiro: José Carlos Leone e Associados Consultores Industriais, 1969.

PAIVA, Ricardo Alexandre. **A metrópole híbrida: o papel do turismo no processo de urbanização da região metropolitana de Fortaleza**. 2011. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROCHA, Germana Costa; TINEM, Nelci. **Nexos tectônicos na arquitetura do Hotel Tambaú**. In: 10º Seminário Docomomo Brasil, 2013, Curitiba. Anais do 10º Seminário Docomomo Brasil. Curitiba, UFPR, 2013.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial**. São Paulo: Editora Edusp, 2003.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SEGRE, Roberto. **America Latina Fim de Milênio: Raízes e Perspectivas de sua Arquitetura**. São Paulo: Nobel, 1991

SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura moderna: a atitude alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991.

SOUZA, Rafaella B. Estevão de . **A arte de envelhecer a cidade: processo de ocupação do bairro de Boa Viagem e as ações de demolição para novas construções**. In: XIII Enanpur, 2009, Recife. XIII Enanpur - Encontro Nacional da Anpur - Planejamento e Gestão do Território: escalas, conflitos e incertezas, 2009. v. V.1. p. 1-13.

TRIGUEIRO, Edja; DANTAS, George; NASCIMENTO, José Clewton do; LIMA, Luiza; PEREIRA, Marizo Vitor; VELOSO, Maisa; VIEIRA, Natália Miranda. **O Hotel Internacional Reis Magos e sua importância histórica, simbólica e arquitetônica**. DARQ-UFRN, março de 2014, (mimeo).